

Francisco Carlos Palomanes Martinho
Helena Wakim Moreno
Marina Simões Galvanese
(Orgs.)

**PORTUGAL E
OS 60 ANOS
DA GUERRA
EM ÁFRICA**

 FGV EDITORA

 CNPq

Copyright © 2022 Francisco Carlos Palomanes Martinho; Helena Wakim Moreno; Marina Simões Galvanese

Direitos desta edição reservados à
FGV EDITORA
Rua Jornalista Orlando Dantas, 9
22231-010 | Rio de Janeiro, RJ | Brasil
Tel.: 21-3799-4427
editora@fgv.br | www.editora.fgv.br

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/98).

Os conceitos emitidos neste livro são de inteira responsabilidade dos autores.

1ª edição – 2022

Preparação de originais: Sandra Frank
Editoração eletrônica: Abreu's System
Revisão: Adriana Alves | Aline Duque Erthal
Capa: Estúdio 513

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Portugal e os 60 anos da guerra em África / Francisco Carlos Palomanes Martinho, Helena Wakim Moreno, Marina Simões Galvanese (orgs.).
– Rio de Janeiro : FGV Editora, 2022.
260 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5652-182-4

1. Portugal – Historiografia. 2. África – Colônias. 3. Descolonização.
4. Movimentos de libertação nacional. I. Martinho, Francisco Carlos Palomanes. II. Moreno, Helena Wakim. III. Galvanese, Marina Simões. IV. Fundação Getulio Vargas.

CDD – 946.9043

Elaborada por Rafaela Ramos de Moraes – CRB-7/6625

Sumário

Prefácio. Um passado ainda vivo	7
<i>Miguel Cardina</i>	
Apresentação	11
<i>Francisco Carlos Palomanes Martinho; Helena Wakim Moreno; Marina Simões Galvanese</i>	
1. O Movimento Anticolonial (MAC): agências, história e construção de redes africanas desde a metrópole	15
<i>Helena Wakim Moreno</i>	
2. Migrações e deslocamentos na luta pela independência das colônias de Portugal na África: diversidade, impactos e projeção para uma diplomacia migratória	41
<i>José Sacchetta Ramos Mendes</i>	
3. Circuitos migratórios, entrelaçamentos e espalhamentos: o caso do mundo em português	61
<i>Igor José de Renó Machado</i>	
4. Memórias sobre os deslocamentos entre Portugal, África e Brasil	75
<i>Zeila de Brito Fabri Demartini</i>	
5. Ascensão e queda do Terceiro Império: migrações e cidadania em dois atos	111
<i>Marina Simões Galvanese</i>	

6. A ideologia do salazarismo veiculada num livro escolar: breve estudo de caso	139
<i>Onésimo Teotónio de Almeida</i>	
7. As veredas da independência de São Tomé e Príncipe	151
<i>Augusto Nascimento</i>	
8. Portugal, as guerras em África e o quadro internacional: história e historiografia	173
<i>Francisco Carlos Palomanes Martinho</i>	
9. Violência extrema na guerra de libertação angolana	187
<i>Marcelo Bittencourt</i>	
10. Combatentes pela liberdade em Moçambique: história, género e memória	203
<i>Olga Maria Lopes Serrão Iglésias Neves</i>	
11. Esboço de Joana: entre os rumores e a exigência da história em Moçambique	219
<i>Omar Ribeiro Thomaz</i>	
12. "O tigre e sua presa": apontamentos sobre a luta de libertação	231
<i>Leila Maria Leite Hernandez</i>	
Autores	255

3. Circuitos migratórios, entrelaçamentos e espalhamentos: o caso do mundo em português*

Igor José de Renó Machado

Meu trabalho aqui será bastante simples e um tanto informativo. Para falar de deslocamentos, migrações e diásporas em suas relações com o império português e também com seu desmantelamento final com as guerras coloniais, tomo por empréstimo de intelectuais portugueses a ideia de “circuitos migratórios” – ou seja, a ideia de que há criações históricas de conjuntos e feixes de relações entre determinados lugares e populações que geram processos de deslocamentos humanos de forma sistemática e multidirecional – para pensar os efeitos do império nos processos migratórios até o momento presente. De certa forma, apresento aqui fases e processos de reconfigurações desses circuitos migratórios ao longo dos últimos 60 anos. Ou, falando de trás para frente: olhando para os circuitos migratórios hoje, como podemos relacioná-los aos efeitos de fim do império?

Para que isso seja possível, é preciso pensar os circuitos migratórios como um processo em constante transformação, gerando novas configurações ao longo do tempo e lentamente mudando o cenário dos circuitos originais. E mais, é preciso também imaginar que os circuitos migratórios, em sua historicidade, nos ajudam a pensar os processos de relação, no caso português, entre ex-metrópole, ex-colônias e outros universos de lugares e poderes.

Obviamente, ao focar aqui em alguns circuitos, ou em um circuito e suas transformações, não estou dizendo que apenas nesse contexto podemos entender as migrações e deslocamentos, mas que sem compreender esse processo destacado é mais difícil entender o cenário contemporâneo. Muitos outros conjuntos de relações são importantes para entender a historicidade desses fluxos populacionais, mas não poderemos nos deter em todos nesse espaço tão pequeno.

* Alguns parágrafos foram reescritos a partir de Machado e Silva (2014:331-348).

Apenas para dar um exemplo: ao passo que o império produziu deslocamentos de “metropolitanos” para as colônias africanas e asiáticas ao longo do século XX, ao mesmo tempo a penúria econômica (e política, social e cultural) do império salazarista também levou a uma emigração de portugueses para outros países (Europa, EUA, Canadá etc.) nos quais a relação não se dava mais entre metropolitanos e colonizados, mas entre portugueses pobres e países “desenvolvidos”.

Pensar o fluxo de africanos para Portugal após as independências africanas não é possível sem levar em conta esse circuito migratório onde os portugueses aparecem como “terceiro-mundistas” em países desenvolvidos. O circuito imperial, visto da metrópole, abarca tanto uma conexão com as ex-colônias como com os países desenvolvidos. Mas do ponto de vista dos países recém-libertados, o circuito migratório “imperial” tem só o sentido da ex-metrópole (embora esses países tenham também complexificado seus próprios circuitos migratórios, envolvendo países da antiga cortina de ferro, por um lado, e a força econômica da África do Sul, por outro lado). Mas me adianto; vamos devagar.

Circuitos migratórios

As nações que hoje compõem o que poderíamos chamar de um mundo “lusófono”,¹ resultado do processo de expansão do império português desde o século XV, são plasmadas pelo intenso fluxo populacional, tanto de emigrações como de imigrações. Cada uma em seu próprio desenvolvimento histórico constituiu diferentes sistemas migratórios (de atração e expulsão, às vezes os dois simultaneamente), que resultaram nas atuais configurações populacionais. Podemos afirmar que a construção do império produziu movimentações de várias instâncias: desde a circulação de elites até a circulação de imigrantes pobres entre os países “em português”. Ao mesmo tempo, esses países, seja na África, América ou Ásia, ou mesmo a ex-metrópole, conviveram e convivem com vários outros sistemas de migração, de fluxos variados de populações. Podemos pensar em trânsitos ligados ao império e propriamente à experiência

¹ A palavra “lusofonia” carrega, entretanto, uma carga ideológica imperial muito acentuada, como destaca Alfredo Margarido (2000). Por esse motivo, substituo a ideia de mundo lusófono pela de mundo “em português”, com referência à língua e não às supostas criações imperiais.

“em português”, em fluxos regionais (sul-americanos, europeus, africanos, asiáticos) e ainda fluxos de longa distância, gerados pela história singular de cada um desses países.

A emigração portuguesa para todos os continentes é, decerto, um dos efeitos da empresa colonial. Contudo, em uma análise que se tornou clássica, Serrão (1970) propõe o termo colonizador aos fluxos associados à iniciativa do Estado ou de empresa com finalidades coloniais e emigração às saídas do país por motivações pessoais, independentemente de solicitações oficiais. Ademais, destaca que, em diversas ocasiões, os dois fluxos coexistiram. No que diz respeito à emigração portuguesa, a partir de década de 1950, esta se direciona paulatinamente do Brasil para a França, a Alemanha, os EUA e o Canadá, principalmente. Durante a década de 1970, face às restrições à migração portuguesa na França e Alemanha, depois de outros países europeus, e na América do Norte, a emigração portuguesa diminuiu, para voltar a aumentar na década de 1980. Se Portugal viu-se como país de imigração entre 1986 e o presente momento, a emigração portuguesa como movimento nunca cessou. Durante esse período de ascensão econômica ligada ao sucesso inicial da zona do euro, portugueses deslocaram-se principalmente dentro da Europa, tendo a França como principal destino, seguida de Suíça, Alemanha, Reino Unido, Espanha e Luxemburgo, além de outros países. Portugal pode ser visto, nessa perspectiva, como um nexo constante de fluxos populacionais: originando diásporas e concentrando outras. Além disso, o retorno de migrantes também se configurou numa dinâmica populacional expressiva a partir da década de 1970, grande parte como resultado das guerras coloniais, que resultaram numa massa de “retornados” à metrópole após a Revolução dos Cravos. Na mesma perspectiva, concentra fluxos de recursos que chegam e que saem, ligando redes de parentesco ao redor da Europa, Américas e África, principalmente.

A partir da década de 1980, Portugal se tornou também num grande concentrador de movimentações dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palops), a seguir de um grande e diversificado fluxo de brasileiros e, além disso, foi palco de uma complexificação dos circuitos migratórios: imigrantes do Leste Europeu e do continente asiático, principalmente, começaram a se destacar no cenário português (Baganha, Góis e Pereira, 2005:415). Os processos de descolonização, com as alterações da lei de nacionalidade portuguesa, resultaram em

fluxos de “retorno” para Portugal que, por sua vez, por força dos laços criados em redes de migração, levaram à migração de africanos para a ex-metrópole.

Baganha (2009) defendeu a existência de um sistema migratório em português, integrando em diferentes momentos no tempo as populações do antigo sistema imperial português, processo facilitado pelas estruturas e conexões criadas a partir daquele sistema. Não é por menos que Portugal se encontra entre os principais destinos de todos os Países e, por outro lado, que Angola e Brasil tenham se constituído em lugar de uma modesta nova emigração portuguesa pós-crise de 2008. Marques e Góis (2012) defendem, por exemplo, que o desenvolvimento dos sistemas migratórios em português constituiu Portugal, Brasil e Angola como nódulos preferenciais, além de destacar uma bidirecionalidade evidente nos fluxos migratórios “em português” (Góis e Marques, 2009). Assim, os vestígios do império se fazem presentes na constituição desses sistemas migratórios que ligam os países que foram colônias e a ex-metrópole.

No caso africano, o império português produziu o deslocamento de milhares de portugueses para África ao longo do século XX. A derrocada do mesmo império produziu, por sua vez, uma migração de “retorno” de portugueses e descendentes para Portugal, criando um grande deslocamento populacional num curto intervalo de tempo.

Vemos, assim, que a migração é parte integrante desses países conectados pela história colonial. O processo histórico da colonização gerou fluxos de várias ordens, às vezes incentivando movimentos para a metrópole, às vezes entre as colônias, às vezes incentivando fluxos regionais que se relacionaram com a história colonial, como no caso dos refugiados das guerras coloniais. As várias histórias nacionais, com suas durações variadas, conduziram outros tantos fluxos populacionais, relacionados às injunções mais amplas da ordem econômica mundial, mas sempre com alguma vinculação ao sistema em português de migração. Essas histórias nacionais, contudo, também lidam com fluxos que não se relacionam ao sistema em português, evidenciando as diferentes inserções desses países numa economia global.

Os resultados desse sistema migratório em português estão incrustados na história desses vários países: a constituição de redes de migração de longa duração, de estratos sociais e de interesses econômicos variados criou conexões familiares, políticas e econômicas entre esses países. Os exemplos são muitos:

refugiados políticos portugueses no Brasil, imigrantes portugueses hoje em Angola, empresas brasileiras em Angola, empresas portuguesas no Brasil, convênios que fazem circular estudantes entre países em português, acordos de cooperação entre Brasil e Timor, Portugal e Timor etc. Essas conexões continuam operando relações em português, através dos continentes (Machado e Silva, 2014:331-348).

Lugar dos brasileiros

Não só os circuitos migratórios importam, nem só pessoas se movem. Os circuitos simbólicos e as classificações raciais também. Hierarquias sociais e raciais constituídas na dolorosa experiência do império mantêm-se mesmo nos contextos pós-coloniais: preconceito e racismo ainda são fenômenos comuns na experiência de imigrantes africanos e brasileiros em Portugal, de estudantes africanos no Brasil, nas memórias ressentidas sobre os portugueses em vários lugares do atual mundo em português. Também permanece um olhar preocupado com as tentações neocoloniais nas relações entre esses países tão diferentes entre si.

Como um exemplo dos efeitos das ideologias coloniais nas configurações posteriores dos sistemas migratórios que entrelaçam povos falantes de português, podemos considerar rapidamente o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal no ano de 2000, quando fiz meu já ancestral trabalho de campo para o doutorado. Tomo a liberdade de retomar aqui algumas questões, apenas para exemplificar uma dimensão das relações entre o fim tardio do império e a experiência de migração nesses circuitos coloniais e pós-coloniais.

Nos trabalhos sobre os brasileiros no Porto (Machado, 2009), pude identificar uma trama complexa que relacionava os processos de construção de identidade entre os brasileiros, a emergência de uma comunidade brasileira migrante com hierarquias entre seus membros e as categorias de classificação das diferenças portuguesas, caudatárias das hierarquias de alteridades (Grosfoguel e Georas, 2000) imperiais. Essa trama é um exemplo das complexidades que relacionam a história colonial e os movimentos migratórios conexos. A primeira característica a ser destacada é um certo entendimento, por parte dos portugueses no dia a dia, de certas hierarquias que escalonavam as diferenças representadas pelos

imigrantes oriundos das ex-colônias: uma racialização da migração africana e brasileira e um escalonamento em que africanos (supostamente negros) ficavam no fim da fila, brasileiros (supostamente mestiços) numa posição intermediária e os portugueses (supostamente brancos) colocavam-se acima de todos. Essa ordem de classificação é incrivelmente similar às injunções do pensamento ideológico do império já em sua fase final, a partir de meados do século XX, como a obra de Cláudia Castelo (1998) a descreve: a ideologia freyriana do lusotropicalismo era instrumentalizada para legitimar um sistema colonial com base numa miragem/promessa de desenvolvimento de “novos Brasis” em África: assim o Brasil aparece como uma espécie de irmão mais velho bem-sucedido (e mestiço à la Gilberto Freyre) para os irmãos bem mais novos africanos: a fábrica portuguesa de modelagem de povos produziria uma nova experiência “feliz” de mestiçagem. O trabalho de Castelo nos oferece uma crítica brilhante desse processo.

Essa ideologia continuava impactando a experiência migrante em 2000, e os brasileiros eram imaginados de determinadas formas que resultavam em um campo acessível de trabalho: vistos como simpáticos, alegres e subalternos, conseguiam espaços de trabalho que exigiam uma “simpatia” profissional: garçons, atendentes de loja, vagas nesse mercado de atendimento ligado ao terceiro setor. Bastava ser brasileiro para ser elegível a um cargo no que chamei de “mercado da alegria”. Havia outras dimensões desse mercado, ligadas à exploração de uma sexualidade colonial, que se expressavam também no mercado de profissionais do sexo – femininos, masculinos e transgêneros –, mas essa é outra história (Machado, 2004).

E aqui as coisas se complicavam: os brasileiros, ávidos por empregos, começaram a performar profissionalmente essa “alegria” subalterna imperial, a fim de conseguir meios de vida melhores. E de fato conseguiam. E mais, essa performance começou a operar como um processo de construção de diferenças: brasileiros se reconheciam como mais legitimamente brasileiros pela pantomima da alegria subalterna, no que chamei de “subordinação ativa” aos estereótipos imperiais. Essa subordinação ativa não era sem sentido; ela produzia nada menos que a própria hierarquia entre os brasileiros imigrantes em sua incipiente “comunidade” na cidade do Porto em 2000. Como os membros com melhores empregos e com capacidade política de distribuir indicações para outros empregos aos brasileiros eram justamente aqueles que melhor se adequavam às

imaginações hierárquicas portuguesas, todo o jogo de poder entre imigrantes brasileiros passou a girar em torno das pantomimas de alegria subordinada e do acesso ao mercado de trabalho. Tínhamos então um complexo sistema de conexões entre ideologias imperiais, circuito migratório, desenvolvimento de hierarquias e produção de diferencialidades (Machado, 2011). E, evidentemente, essa é apenas uma forma que esses processos que conectam heranças do império e as migrações assume.

A mesma imigração brasileira em Portugal, alguns anos depois, já assumia uma feição completamente diferente em outro contexto. Quando dei continuidade às pesquisas sobre migração, mas agora com foco na cidade brasileira de Governador Valadares, um famoso centro da emigração brasileira, passei a conhecer também outras experiências de migração para Portugal, que corriam em direções bem diferentes daquelas que acabei de narrar. De certa forma, nesse outro cenário, as relações com os fantasmas imperiais e os sistemas migratórios também eram de outra natureza.

A primeira e grande diferença é que nesse conjunto de pesquisas realizadas entre 2004 e 2010 já se narrava outra situação demográfica da imigração brasileira em Portugal. Tratamos do que ficou conhecido como “segunda vaga” de migrações brasileiras (Peixoto et al., 2015; Lisboa, 2004) – um perfil meio deslizante de imigrantes brasileiros com menos estudos, mais pobres e também menos brancos. Mas agora num cenário em que a imigração brasileira já assumia uma proporção muito maior do que a pequena comunidade em Porto: aqui já falávamos de mais 60 mil brasileiros em Portugal, contando apenas a migração documentada. Em 2000, tínhamos algo como 20 mil brasileiros em Portugal, a maior parte concentrada na região de Lisboa. Ao final da pesquisa, em 2010, já tínhamos um cenário de mais de 100 mil brasileiros em Portugal, documentadamente.

O que constatamos nesse cenário em mudança, com os imigrantes valadarenses em Portugal, era uma transformação radical na forma de experimentar a migração: dada uma série de fatores – entre eles o fato de a maioria ser indocumentada, professar religiões evangélicas e enfrentar um mercado de trabalho muito mais concorrido face ao aumento do número de imigrantes em Portugal –, não havia mais a importância quase exclusiva do “mercado da alegria”. Para muitos dos valadarenses, esse mercado era um problema, (1) já que aumentava a visibilidade dos indocumentados (o que elevava o perigo de deportação),

(2) não se coadunava com uma ética evangélico-migrante de acúmulo máximo de recursos em menos tempo, (3) oferecia os “perigos” da noite aos extremamente religiosos e (4) não havia tantas vagas de trabalho assim. Desse modo, toda aquela imbricação entre hierarquias coloniais e a produção de diferencialidades não operava da mesma forma nesse cenário (Machado e Reis, 2007; Machado, 2010).

O que contava ali era justamente um embaralhamento das hierarquias coloniais, mas num sentido “descendente”: os brasileiros valadarenses circulavam e trabalhavam nos mesmos circuitos dos imigrantes e descendentes de imigrantes dos países de língua oficial portuguesa africanos (as ex-colônias). Trabalhavam na construção civil, em plantações, em atividades que exigiam força manual etc. Eram trabalhos que também produziam menos visibilidade e menor risco de deportação. Mas o fato é que aqui são os circuitos migratórios entre os Palops e Portugal e suas próprias injunções históricas que explicam mais a situação dos valadarenses na região de Lisboa que as ideologias imperiais lusotropicalistas e sua importância para os brasileiros no Porto em 2000 (Machado, Almeida e Reis, 2009).

Reorganização dos circuitos

Assim, podemos perceber que, embora em constante mutação, os sistemas migratórios relacionados ao fim do império apresentam a capacidade de entrelaçar outros sistemas, deixando suas marcas nos movimentos migratórios mais contemporâneos. Como vimos nos dois exemplos, temos tanto uma inserção da imigração brasileira numa hierarquia tipicamente colonial, o que estimulou o desenvolvimento da migração num primeiro momento, até um espalhamento das experiências de imigrantes africanos dos Palops e seus descendentes para novos circuitos migratórios brasileiros em Portugal. Aqui, um sistema entrelaça o outro, produzindo novas configurações complexas, mas peneiras de relações com a história colonial do Terceiro Império português.

Esses entrelaçamentos seguem sendo produzidos, tanto com a dimensão da “bidirecionalidade”, descrita por Marques e Góis, como pelo que chamo de “espalhamento preferencial” dos sistemas migratórios bidirecionais do Terceiro Império para outros contextos de língua portuguesa. Para o primeiro caso, o da

bidirecionalidade, podemos destacar a história da migração entre Brasil e Portugal em tempos recentes. Se podemos já falar de quatro vagas de imigração brasileira para Portugal (Fernandes, Peixoto e Oltramari, 2021), poderíamos também falar de outras tantas vagas de imigração portuguesa no Brasil. Para ficarmos no século XXI, vimos que os efeitos da crise de 2008² em Portugal levou a dois movimentos: a retração da imigração brasileira (que em parte retornou ao Brasil e em parte remigrou para outros países) e também a emigração de portugueses para o Brasil (Pires et al., 2020; Padilla e Ortiz, 2012). Olhando para o final do século passado, durante o governo salazarista uma parte dos refugiados políticos portugueses se instalou no Brasil (Silva, 2006), assim como uma parte pequena do enorme contingente de portugueses retornados (David, 2015) do processo de independência das ex-colônias africanas também se dirigiu ao Brasil (Meneses e Gomes, 2013) e também a outros países, como África do Sul (Pereira, 2018).

Mas, ainda mais recentemente, tivemos uma pequena leva de imigrantes portugueses no Brasil, no rescaldo de uma emigração preferencial para a Europa (outro sistema migratório português de longa data, que também agregou em suas pontas outras migrações “em português”). Portugueses também emigraram para Angola e Moçambique nesse período pós-crise, amarrando as pontas da “bidirecionalidade”. Se considerarmos o recomeço dramático da migração brasileira em Portugal a partir de 2018 (Fernandes, Peixoto e Oltramari, 2021), poderemos entender esses fenômenos pendulares e bidirecionais, mesmo num cenário em que outros sistemas migratórios têm mais relevância (como o de portugueses emigrando para a Europa, brasileiros para os EUA etc.).

Por outro lado, os processos de “espalhamento” dos regimes migratórios em português do pós-guerra colonial podem ser vistos na progressiva relação mais sistemática entre imigrantes brasileiros e imigrantes dos Palops em Portugal; na constituição de outros circuitos migratórios, desta vez ligando diretamente Brasil e os Palops (Rosa, 2018; Haydu, 2009; Macedo, 2016); e também na aproximação de circuitos migratórios distintos que se cruzam – muitas vezes de forma tensa – nos países de destino, como o encontro de imigrantes e descendentes de portugueses e imigrantes brasileiros nos EUA (Sales, 2005); ou ainda o caso da expansão de religiões evangélicas “em português” em vários países

² Mas os efeitos dessa crise na emigração portuguesa foram se fazer evidentes apenas a partir de 2010.

que concentram imigrantes brasileiros, portugueses e dos Palops (Rodrigues e Silva, 2014).

Esse processo de “espalhamento” e também, claro, embaralhamento dos circuitos migratórios relacionados ao fim do Terceiro Império e ao próprio colonialismo português se faz notar, ainda, na apreensão que intelectuais portugueses recentemente têm desenvolvido sobre a imigração em Portugal, tendendo a situar grupos imigrantes brasileiros e africanos (especialmente cabo-verdianos) na mesma chave de análise (Costa, 2016:17; Grilo, 2011:57; Hortas, 2020), assim como, no Brasil, são comuns textos aglutinativos sobre “estudantes africanos” (Mungoi, 2012; Subuhana, 2009; Gusmão, 2011), cujo nexos em geral são os imigrantes originários de Palops.

Esses espalhamentos dos circuitos migratórios afetam, portanto, não apenas as configurações “concretas” das experiências das migrações contemporâneas, modelando fluxos, influenciando decisões de migração, produzindo comunidades “étnicas” em diversos países do “mundo em português” e fora dele: os espalhamentos produzem também uma forma de pensar a diferença “em português” a partir de assemelhamentos derivados de processos ideológicos não tão evidentes e que parecem ainda se nutrir de ingredientes lusotropicalistas em suas várias leituras nacionais. Uma aproximação entre associações de imigrantes brasileiros e portugueses em Massachusetts, por exemplo, passa a ser quase naturalizada, embora não haja nada de evidente nessas conexões: elas poderiam ser alvo de uma reflexão crítica sobre o “espalhamento”, de forma a relacionar ideologias imperiais, nacionais e os contextos e histórias de migração.

Considerações finais

Jorge Malheiros (2007) organizou um livro sobre a imigração brasileira em Portugal, que então vivia sua terceira onda. No capítulo final, vários autores – eu entre eles – pensávamos sobre o futuro da imigração dos brasileiros em Portugal (Carneiro et al., 2007). Obviamente, como sempre acontece nas ciências sociais, erramos em tudo: o que parecia um movimento ascendente tornou-se, na realidade, uma diminuição inesperada. Em 2016, o número de brasileiros em Portugal era praticamente o mesmo de 2007 (houve um crescimento até 2011,

depois um descenso, relativo à crise portuguesa, à emigração de retorno para o Brasil, que vivia um bom momento econômico, e remigrações para outros países europeus). Os sistemas migratórios são imprevisíveis.³

Mas, como em tudo, também acertamos naquele artigo de 2007: em 2019 a imigração brasileira em Portugal disparou, e em 2020 cerca de 184 mil brasileiros estavam em Portugal. O crescimento que prevíamos veio a acontecer mais de 10 anos depois. Mas, claro, se estendermos no tempo um conjunto de previsões sobre a migração, provavelmente em algum momento estaremos certos, especialmente em sistemas migratórios entrelaçados e espalhados, como é o caso sobre o que pensei aqui: dadas as crises econômicas, políticas e sociais que fatalmente acometerão alguns dos países que integram os sistemas migratórios, pode-se imaginar que os laços serão reativados, reconstruídos, estimulados, e novas movimentações podem se organizar muito rapidamente.

A rapidez do aumento da imigração brasileira em Portugal é um exemplo desses efeitos de entrelaçamento e espalhamento: praticamente dobrou de tamanho nos últimos três anos. Isso foi possível pela latência que os circuitos migratórios densamente vividos deixam “no ar”: rapidamente conexões se reorganizam e os movimentos se intensificam. Mas também há outros efeitos do entrelaçamento e do espalhamento: efeitos ideológicos, como os que analisei rapidamente neste texto. A forma como a diferença é pensada no seio de países que conformam sistemas migratórios complexos é definitivamente influenciada pelos deslocamentos, pelas heranças ideológicas e pela história comum.

Referências

- BAGANHA, Maria I. The Lusophone migratory system: patterns and trends. *International Migration*, v. 47, n. 3, p. 5-20, 2009.
- ; GÓIS, Pedro; PEREIRA, Pedro T. International migration from and to Portugal: what do we know and where are we going? In: ZIMMERMANN, Klaus F. (Org.). *European migration: what do we know?* Oxford: Oxford University Press on Demand, 2005.

³ Sobre isso, em 2014 escrevi outro artigo que refletia sobre essas previsões, bem no auge da diminuição da imigração brasileira em Portugal (Machado, 2014).

- CARNEIRO, Roberto et al. O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perspectivas e interrogações. In: MALHEIROS, Jorge. *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007. p. 191-204.
- CASTELO, Cláudia. *O modo português de estar no mundo: o lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento, 1998.
- COSTA, Paulo Manuel. *Pertença e nacionalidade: a autoidentificação dos imigrantes cabo-verdianos e brasileiros residentes em Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 2016.
- DAVID, Isabel. The retornados: trauma and displacement in post-revolution Portugal. *Ethnicity Studies*, n. 2, p. 114-130, 2015.
- FERNANDES, Duval; PEIXOTO, João; OLTRAMARI, Andrea Poletto. A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*, v. 15, n. 29, p. 34-63, 2021.
- GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos. Portugal as a semi-peripheral country in the global migration system. *International Migration*, v. 47, n. 3, p. 21-50, 2009.
- GRILO, Marta Évora dos Santos de Oliveira. Situações, trajectos e percepções de discriminação de imigrantes brasileiros e cabo-verdianos no mercado de trabalho em Portugal. Lisboa: ISCTE, 2011.
- GROSGOUEL, Ramón; GEORAS, Chloe S. *Coloniality of power and racial dynamics: notes toward a reinterpretation of Latino Caribbeans in New York City*. Londres: Taylor & Francis, 2000.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. “Na terra do outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. *Dimensões*, n. 26, 2011.
- HAYDU, Marcelo. Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação. *Ponto-e-Vírgula: revista de ciências sociais*, n. 5, 2009.
- HORTAS, Maria João Barroso. Escola, diversidade e diálogos interculturais: alunos brasileiros e cabo-verdianos em escolas da área metropolitana de Lisboa. In: RAMOS, Ana Adelina Lôpo; LIMA, Rogério (Org.). *Mobilidades linguístico-culturais: reflexões epistêmicas para o ensino*. Brasília: Makunaima, 2020.
- LISBOA, Casa do Brasil de. *A “segunda vaga” de imigração brasileira para Portugal (1998-2003)*. Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa, 2004.
- MACEDO, Victor Miguel Castilho de. Etnografia, história e memória entre moçambicanos no Brasil: possibilidades e limitações políticas em campo. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 8, n. 1, p. 131-146, 2016.

- MACHADO, I. J. R. Afetividade e poder entre os imigrantes brasileiros no Porto. *Cadernos Pagu*, n. 23, p. 257-278, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200000>>. Acesso em: jan. 2022.
- _____. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- _____. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica: revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 14, n. 1, p. 5-26, 2010.
- _____. *Japonesidades multiplicadas: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- _____. O futuro do passado: imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos. *REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana*, n. 22, p. 225-234, 2014.
- _____; ALMEIDA, Alexandra C. Gomes; REIS, Ellem Saraiva. *Algumas características do fluxo migratório de brasileiros de Governador Valadares para Portugal*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2009.
- _____; REIS, Ellem Saraiva. Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa: revista de ciência política*, v. 16, n. 1, p. 153-166, 2007.
- _____; SILVA, Douglas Mansur. Migrações. In: SAANSONE, L.; FURTADO, Cláudio Alves (Org.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de língua oficial portuguesa*. Salvador: EdUFBA, 2014. p. 331-348.
- MALHEIROS, Jorge da Silva Macaísta (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Observatório da Imigração, 2007.
- MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos: novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.
- MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro. A evolução do sistema migratório lusófono: uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n. 24, p. 213-232, 2012.
- MENESES, Maria Paula; GOMES, Catarina. Regressos? Os retornados na (des) colonização portuguesa. In: _____. MARTINS, Bruno Sena (Org.). *As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados*. Coimbra: Almedina, 2013. p. 59-107.

- MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. Resignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana*, n. 20, p. 125-139, 2012.
- PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana*, n. 20, p. 159-184, 2012.
- PEIXOTO, João et al. *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.
- PEREIRA, Cláudia. De Moçambique e Angola para a África do Sul: entrevista com Pamila Gupta. *OEm Conversations*. Observatório da Emigração, 2018.
- PIRES, Rui Pena et al. A emigração portuguesa no século XXI. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 94, p. 9-38, 2020.
- RODRIGUES, Donizete; SILVA, Marcos. Imigração e pentecostalismo brasileiro na Europa: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 13, p. 97-113, 2014.
- ROSA, Jeferson Argolo. A emigração angolana para Brasil: imigrantes, estudantes e refugiados. *Revista Aedos*, v. 10, n. 23, p. 320-336, 2018.
- SALES, Teresa. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA. *São Paulo em Perspectiva*, n. 19, p. 44-54, 2005.
- SERRÃO, Joel. Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise social*, v. 8, n. 32, p. 597-617, 1970.
- SILVA, Douglas Mansur da. *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1975*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- SUBUHANA, Carlos. A experiência sociocultural de universitários da África lusófona no Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições*, n. 20, p. 103-126, 2009.